

## **NARRATIVAS INTERDITADAS: feminicídio na obra 2666 de Roberto Bolaño**

ARCURI, Sylvia Helena de Carvalho.(UFRJ)

*En México, es muy peligroso indagar los nexos del poder político y el crimen organizado, pero no tanto como el hecho de ser una mujer y vivir en una sociedad que, día tras día, descubre cuánto su rostro tiende a multiplicar en otras partes la desolación de Ciudad Juárez.*

Sergio González Rodríguez<sup>1</sup>

Nessa análise busca-se repensar como a literatura pode unir-se a outros campos de estudo, como a sociologia, a filosofia e a economia, para refletir e trazer à tona temas que abordam problemas contemporâneos tais como: os assassinatos (feminicídio) das mulheres na Ciudad Juárez e a classe precária dentro de sociedades notadas como “hipercapitalistas”<sup>2</sup>.

Para realizar essa apreciação, parte-se de um corpus preciso, o capítulo da obra 2666, de Roberto Bolaño, *La parte de los Crímenes*. Diante desse objeto de estudo, pergunta-se: como entender esses fenômenos do século XX (o século dos extremos que para muitos autores termina em 1989), que se intensificam no século XXI, a partir dos personagens (cadáveres) das mulheres assassinadas, na cidade de fronteira com os Estados Unidos, Santa Teresa (cidade fictícia, uma espécie de espelho e duplo da Ciudad Juárez) e a situação precária que, cada uma dessas mulheres, vive enquanto ser social?

Para melhor leitura e entendimento, essa análise se debruçará no que será apontado como “narrativas interdidas”, cruzando alguns aspectos, entre eles: 1) a escrita “interditada” de Roberto Bolaño; 2) as vidas “interditadas” das mulheres assassinadas em Santa Teresa; 3) a cidade de fronteira pensada como um espaço “interditado” e; 4) a classe precária percebida também como “interditada” ou como “interdição” de um possível caminho de ascensão ou descenso.

O século XXI começa turbulento, com o atentado às Torres Gêmeas, nos EUA, com o terrorismo frenético disseminado em muitas partes do mundo, a violência contra as mulheres e às crianças, a discriminação racial, religiosa e social, tudo isso visto e vivenciado no momento preciso que está acontecendo, pois a globalização permite, através da internet, a experiência imediata dos eventos que ocorrem longe ou perto dos que os assistem.

A banalidade do mal, proferida pela filósofa Hannah Arendt, aumenta e não só o mal, como a violência se banalizam muito mais, sobretudo, a violência cresce e muda de patamar, deixando de ser apenas física, passando a subjetiva e simbólica. Os campos de concentração, de aniquilação e de extermínio passam a ser o espaço urbano, as ruas das grandes metrópoles e a população que vive esse extermínio é a que convive com a precariedade, a que quase não possui bens materiais e que também acaba perdendo a sua dignidade enquanto ser humano, que não vale nada, a não ser como mão de obra barata.

Frente a esse quadro e momento, aos quais muitos autores não ficam alheios e passam a usar o seu fazer literário para mostrar sua indignação à sociedade e colocá-la diante desses acontecimentos sem o uso de nenhuma máscara. Perante a esse panorama

e tocado por questões polêmicas, Roberto Bolaño escreveu seu romance 2666, publicado depois de sua morte, em 2004.

Esse estudo surge a partir da inquietação e do estranhamento deixados nas linhas escritas por Bolaño, principalmente os causados pelos temas abordados e narrados no capítulo já citado. Como dito anteriormente, essa análise partirá de uma tentativa de pensar alguns dos temas tratados sob o ponto de vista de “narrativas interditas”. Como seria essa forma de pensar e apresentar as questões que aparecem no texto de Bolaño? Partir-se-á do entendimento da palavra “interditada”, oriunda do verbo interditar e que aqui se vestirá com alguns significados entre eles: impedir o funcionamento, a utilização ou o acesso; impedir ou proibir a realização de algo; interdizer, interromper; paralisar; suspender; deixar sem ação; tornar-se nulo; eliminar; neutralizar; inutilizar; anular e destruir.

### **A escrita “interditada” de Roberto Bolaño**

Como leitor, Roberto Bolaño era uma espécie de leitor enciclopédico, eclético que lia Pascal, Lichtenberg, Wittgenstein e ao mesmo tempo Philip K. Dick, James Ellroy, Rodrigo Fresán. De ficção científica a literatura policial, passando pelos filmes da série B e X, de Edgar Allan Poe a Raymond Carver, adentrando por Antón Chéjov, Jorge Luís Borges, Julio Cortázar e Georges Perec. Sem deixar de lado a poesia dos franceses do século XIX e a dos poetas chilenos Nicanor Parra e Enrique Lihn. (BEJARANO, 2012) Todas essas leituras e escritores, de alguma maneira, influenciam a maneira diferente de como Bolaño trata a palavra e a estrutura literária nas suas obras e, além disso, ratificam que a sua preocupação original é com a literatura, pois escrever mais que alento e complemento, é exercício, é profissão.

Existe dentro da sua forma de escrever uma “interdição” entendida como desconstrução, que levará a uma reconstrução estética de alguns gêneros narrativos, que passa pela ética e pelos acontecimentos que estão no devir do século XXI: o terrorismo, a morte pela morte, a falta de direitos humanos, a criminalidade e a violência em três níveis, a do Estado, a econômica e a da divisão da estrutura social. Nessa sua desconstrução, para reconstruir, existe uma tensão entre política, ética e estética que leva os seus leitores para mais além do que está visível, talvez para um mundo “infrapocalíptico”<sup>3</sup> que aponta para dentro da infraestrutura econômico-social, descortinando as mazelas de uma sociedade enferma, que teima em não olhar para dentro de si mesma, se negando a fazer uma viagem “infraexistencial”. Se, dentro da sociedade, o que é dado como certo são as aparências, nessa parte da obra de Bolaño paira uma dúvida e vem à tona aquilo que está velado, por exemplo, os assassinatos sem solução que acontecem dentro da trama. Não há mais como fechar os olhos e não perceber que existe um “feminicídio” acontecendo e que muitos desconhecem e se conhecem acham que é normal, faz parte, virou banal.

Na parte do romance, *La parte de los crímenes*, o autor descreve, enumera e cataloga, tal como um criminalista, as centenas de cadáveres femininos, deixando o leitor distante de uma interpretação cômoda e tranquila, mas sim ativando a sua consciência para tentar entender o que aqueles corpos reclamam. Além de uma investigação policial, qual é a profundidade e a possível transparência dos fatos? Sim, houve crimes, mas como fazer com que o leitor entenda a enfermidade dos fatos acontecidos que transitam além dos assassinatos? Para isso, o autor utilizará alguns recursos tais como: uma estrutura fragmentada; as inúmeras intertextualidades; “intergenericidade”<sup>4</sup>: temas variados dentro do mesmo capítulo que tentam achar uma

possível saída do labirinto. Mas esse pode ser um labirinto com várias saídas e muitas delas falsas, levando o leitor a entrar e se perder dentro desse mundo “infrapocalíptico”, tal qual um buraco negro ou o inferno que traz a possibilidade de ser real ainda que trágico.

As várias narrativas apresentadas nesse capítulo são interditas, mas interditas em que sentido? Ele começa o capítulo descrevendo a primeira mulher assassinada:

La muerta apareció en un pequeño descampado en La colonia Las Flores. Vestía camiseta blanca de manga larga y falda de color amarillo hasta las rodillas [...] Eso ocurrió en 1993. En enero de 1993. A partir de esta muerta comenzaron a contarse los asesinatos de mujeres. Pero es probable que antes hubiera otras. (BOLAÑO, 2004a, p. 443)

Depois de algumas páginas descrevendo com todos os detalhes possíveis o estado de algumas mulheres assassinadas, além de apresentar os investigadores e os chefes de polícia que tratarão dos casos, Bolaño interrompe essa narrativa e expõe outra, que parece estar fora de contexto, como se fosse uma colagem. Nessa interdição narra a história de um personagem peculiar, um homem que entra nas igrejas com a finalidade de profanar esses espaços. A imprensa batiza esse sujeito como: o penitente endemoniado: *En mayo ya no murió ninguna otra mujer [...] Pero a finales de mes empezó el caso del profanador de iglesias. [...] Padre, hay un hombre que está haciendo sus necesidades e la iglesia, dijo la viejita.* (BOLAÑO, 2004a, p.453) Esse penitente, além de urinar e defecar dentro das igrejas e sofrer de uma doença denominada sacrofobia<sup>5</sup>, acaba matando dois homens, o padre e o zelador de uma das igrejas profanadas e o caso é entregue a um investigador, que conhece uma psiquiatra e essa será outra história que vai ser contada ao longo do capítulo

O registro e a estrutura usados, pelo autor, para criar essas duas “narrativas interditas” se aproximam com os dos textos jornalísticos e das crônicas policiais que aparecem nos jornais. Bolaño utiliza a intertextualidade e o intergêneros, confundindo o leitor que pensa, em muitos momentos, que está lendo uma reportagem, uma notícia saída em um jornal popular, dado as descrições precisas, além do uso de uma linguagem simples, referencial, a qual todos entendem. O uso do recurso de intergêneros acontece quando Bolaño se baseia no livro de um jornalista mexicano, Sergio González Rodríguez, que depois de fazer várias reportagens e coberturas dos assassinatos das mulheres, na Ciudad Juárez, escreve a obra, *Huesos en el desierto*. Basear-se nessa obra, possibilitou a construção desses tipos de “narrativas interditas”, cujo registro e estrutura fazem parte do modo de escrita jornalística. Para confundir mais ainda o leitor, o próprio jornalista aparece na trama de *2666*, como um personagem:

Por aquellos días el periódico *La Razón*, del DF, envió a Sergio González a hacer un reportaje sobre el Penitente. [...] El no era un periodista de crónica policial sino de las páginas de cultura. [...] Sergio González supo que en Santa Teresa, además del famoso Penitente, se cometían crímenes contra mujeres, la mayoría de los cuales quedaba sin aclarar. (BOLAÑO, 2004<sup>a</sup>, p. 461 e 474)

A trama continua e há mais interrupções, depois de mostrar a história do penitente e voltar aos assassinatos das mulheres, é o momento de usar recursos de outros tipos de textos, a fotonovela e o programa televisivo. O narrador nos contará o envolvimento do investigador do caso do profanador das igrejas com uma psiquiatra encarregada de

traçar o perfil desse personagem para ajudar no caso. Nessa narrativa que também será interdita, o autor modifica e usa o registro e a estrutura que se assemelham as narrativas de fotonovela, ao folhetim ou aos livros que contam história de amor com uma pitada de erotismo.

Além da "historieta" de amor entre os dois personagens, surgirá uma narrativa que leva o leitor para o mundo televisivo, já que aparecerá uma vidente que dividiu um programa popular de TV com um ventríloquo e que tem uma visão com os assassinatos de mulheres, na cidade de Santa Teresa. O programa da trama é como esses que vivem de seduzir e cativar o telespectador, um programa de variedades onde o imediatismo e o não deixar que o outro pense, impera, usando a morte como espetáculo e entretenimento. Outro registro e outra estrutura usada pelo autor para fazer com que o leitor se sinta sentado no sofá de casa assistindo tal programa:

Florita Almada llegó muy mal y así nadie en La ciudad La vio, aunque el programa al que ella estaba invitada, Una hora con Reinaldo, era uno de los más populares de la televisión sonorense. Le tocó hablar después de un ventríloquo de Guaymas, [...] Cerró los ojos. Abrió la boca. Su lengua empezó a trabajar. Repitió la que ya había dicho: un desierto muy grande, una ciudad muy grande, en el norte del estado, niñas asesinadas, mujeres asesinadas. ¿Qué ciudad es ésta?, se preguntó. A ver, ¿qué ciudad es ésta? Yo quiero saber cómo se llama esa ciudad del demonio. [...] ¡Es Santa Teresa! ¡Es Santa Teresa! Lo estoy viendo claro. Allí matan a las mujeres. Matan a mis hijas. (BOLAÑO, 2004<sup>a</sup>, p. 544-547)

Com uma narrativa que faz um zigue-zague, intercalando vários registros e estruturas de outros gêneros literários, o autor sempre volta ao relato das mulheres assassinadas, interpondo outras histórias, como a do jovem egresso do interior, Lalo Cura, que primeiro vem para a cidade para servir como guarda-costas da mulher de um narcotraficante, mas que depois acaba virando policial. Nesse seu novo papel como policial, ele encontra na delegacia uns livros (manuais) de técnicas de treinamento para ser investigador, outra “narrativa interdita”, mais uma paralisação do fluxo narrativo, mais uma intertextualidade intergêneros.

No final, percebemos que esse capítulo, tem uma base que são os relatos das mulheres assassinadas, mas é uma espécie de colagem ficcional que usa muitos fragmentos para formar um todo que mostra ao leitor a possibilidade de criação de um novo gênero que pode ser percebido e estudado como “infrapolicial”. Como disse o próprio Bolaño no seu Manifesto Infrarrealista: “*Nuevas formas, raras formas*”, como decía entre curioso y risueño el viejo Bertolt. [...] *La experiencia disparada, estructuras que se van devorando a sí mismas, contradicciones locas*. (BOLAÑO, 2013, p. 53 e 55)

### **As vidas “interditadas” das mulheres assassinadas em Santa Teresa.**

A violência de gênero (contra as mulheres) é um problema do modelo de sociedade patriarcal, onde as mulheres ainda são vistas em uma posição submissão, imperando o machismo, a misoginia, as relações de poder e de ódio, ratificando o pensamento de Simone de Beauvoir, em seu ensaio, *O segundo sexo* (1970), ser mulher e ser homem não constitui em si uma entidade natural, pois depende de uma construção histórica, política, social e cultural. A maneira de ser e atuar no mundo também acontece através do corpo.

A partir da composição e do entendimento do corpo, no caso o do gênero feminino e os vários tipos de violência impostas a este corpo, apresentar uma análise das vidas “interditadas” das mulheres que povoam a trama do capítulo, *La parte de los crímenes*, é desafiante, pois muito já foi dito sobre o assunto e a tentativa será trazer um novo olhar a partir da obra de Bolaño. É importante destacar que, quem lê essa parte da obra, começa a entender a estreita relação do feminicídio com as relações econômicas e de poder. Algumas questões são incentivadoras para esse entendimento: que tipos de vidas “interditadas” são essas? Elas pertencem a que classe social? Afinal, analisar esses aspectos é importante para o entendimento da obra como um todo?

### **Feminicídio uma “tranquila”<sup>6</sup> e anômala destruição de corpos**

Pode-se dizer, e partindo da ideia de corpo como um espaço simbólico e sagrado, que existe um aspecto “infra” (mais profundo, mais na base do problema) que pode esclarecer a violência contra as mulheres – tanto na cidade ficcional Santa Teresa, como na real Ciudad Juárez. Este aspecto apontado como “infra” está ligado à construção política do papel da mulher e a arraigados padrões culturais de desprezo às mulheres, à misoginia, negando a elas seu direito mais elementar, o da vida; sujeitando-as à exclusão, à opressão dentro e fora do seio familiar, nas relações afetivas, dando chance ao ato mais grave que possa acontecê-las, o feminicídio.

O termo feminicídio se refere aos homens que matam as mulheres e que usam, sobre elas, uma violenta ação sexual contínua e inadequada, apenas por serem mulheres. Esse fenômeno acontece, geralmente, em condições de desigualdade econômica, que inexiste uma política social que trate das questões de gênero, além disso, há certa tolerância e minimização por parte do governo e instituições religiosas em relação a esses assuntos, levando a impunidade. Essa tolerância e impunidade trazem uma mensagem implícita de permissividade social, apontando que o ser mais frágil pode ser exterminado.

Esse termo, feminicídio, refere-se ao homicídio decorrente tanto aos maus tratos sexuais, nos quais estão presentes a violação, a tortura, a mutilação e o extermínio das mulheres trabalhadoras, meninas estudantes, e prostitutas, que acontece fora do espaço domiciliar ou dentro dele, ambos transgredindo os direitos dessas mulheres como ser humano.

A violência exercida sobre as mulheres já se faz presente antes mesmo do assassinato, pois aparece nas diversas formas de maltrato, dano, repúdio, assédio e abandono ao longo de suas vidas e continua, mesmo depois que elas deixaram de existir, através da impunidade.

Geralmente, os crimes cometidos contra as mulheres são perpetrados por homens desesperados e rejeitados psicologicamente e socialmente, por isso refletem uma forma de impor e delimitar poder, mas não pelo diálogo e sim pela simples e gratuita agressão. Muitos desses assassinatos estão ligados ao crime organizado, ao tráfico de pessoas, drogas, armas, dinheiro e mercadoria, tudo que gira em torno das relações econômicas e muitos são classificados como em série – aqueles que repetem um padrão, onde a vítima não conhece o seu algoz e fica privada de sua liberdade. Esses assassinatos viram uma espécie de espetáculo explorado pelos meios de comunicação (TV, rádio, jornais, revistas, internet) e passam a ser vistos como produto, pois reproduzir e explorar a violência dá lucro.

Além disso, esses crimes acontecem em um contexto de violência doméstica ou em situação de insegurança pública e nas camadas em que existe uma condição

econômica e social marginalizada, se aproximando a um mecanismo simbólico de poder contra as mulheres e mostra, em especial, a crueldade sobre os corpos e a vida delas, apresentando novos componentes de violência de gênero, por isso existe uma diferença de enfoque, em relação ao vocábulo: homicídio referente ao gênero masculino e feminicídio ao feminino.

As mulheres que estão vulneráveis e sem proteção institucional, vivem em zonas de devastação social onde predominam a insegurança, o delito, a ilegalidade, o dismantelo das instituições e a ruptura do estado de direito. Essas vítimas têm condições de vida precária, são invisíveis e tratadas como coisas, pois devido à falta de proteção social, sindical e o desnível de função laboral estão sujeitas à tarefas mais precárias e secundárias, onde a jornada de trabalho é mais longa, o salário menor e a exploração é explícita. A construção da cidadania feminina é desigual e heterogênea, porque é colocada sempre em uma condição menor e submissa, cujos direitos a elas reservados são o da agressão, do castigo e da vingança.

Várias explicações são dadas para que ocorra o feminicídio, mas a mais recorrente é dizer que a culpa é da própria vítima e que os homens comentem o crime porque naquele momento apresentavam um estado alterado de consciência proveniente do uso de drogas ou álcool ou porque é a mulher quem provoca o homem e ele se altera, pois essa é a sua natureza, se alterar e atacar a sua presa. Eles foram educados para reagir com violência ante a todos os fatos que não gostam ou que se sintam ameaçados, como forma de afirmação e soberania de poder, assim sentem-se menos impotentes e muito competentes.

As mulheres, vítimas de tal ação, não têm importância nenhuma para o Estado, já que os seus direitos trabalhistas e humanos são violados, pertencem a uma classe social sem valor político e econômico e são facilmente difamadas, caluniadas, desonradas, substituídas e terminam, com essa postura, sofrendo outro tipo de violência, a simbólica, um tipo de violência que não deixa marcas aparentes.

Existem vários estudos sobre feminicídio, principalmente no México, mas um trecho de um dos estudos servirá para ilustrar e compreender a narrativa “interditada” das mulheres dentro do romance:

En 2003, 35.4 por ciento de las mujeres de 15 año y más, unidas y residentes con su pareja, sufrían de violencia emocional ejercida por su compañero o cónyuge, 27.3 por ciento padecían violencia económica, 9.3 violencia física y 7.8 violencia sexual. Los estragos que dejan la violencia en las mujeres y todos los miembros de su familia son difíciles de reparar. Una vida con violencia impide a las mujeres desarrollarse de manera autónoma.<sup>7</sup>

Roberto Bolaño, no capítulo analisado, mostra que a literatura é um espaço importante que traz à tona temas que devem ser debatidos e refletidos por toda sociedade e entres esses temas aparece o desaparecimento, o assassinato e a decomposição dos corpos de mulheres brutalmente violadas e assassinadas: [...] *fue encontrado un cuerpo de una niña de trece años, [...] su pecho derecho había sido amputado y El pezón de su pecho izquierdo arrancado a mordidas. [...] Había sido violada repetidas veces y acuchillada [...]* (BOLAÑO, 2004a, p. 584).

No romance, o fenômeno do feminicídio aparece dentro de um contexto específico: final do século XX, em uma cidade precisa, Santa Teresa, localizada na fronteira com os Estados Unidos. Os crimes são contra mulheres jovens, pobres, que

foram sequestradas, torturadas, violentadas, mutiladas, provavelmente por homens desconhecidos.

Dentro da trama, essas mulheres funcionam como uma metáfora (alegoria) da barbárie que está sendo disseminada em todas as partes do mundo, em alguns lugares com mais ênfase do que em outros. Essa metáfora mostra a entrada em um século atormentado, onde os menos desprovidos de capital são suprimidos e violentados, sequestrados em seus direitos de ser no mundo, formando uma classe precária. Existe uma passagem, do livro, que dialoga com essa reflexão, quando um dos personagens, o jornalista Oscar Fate conversa com o seu chefe de sessão e propõe a elaboração de um artigo para o jornal.

Cuando su jefe de sección se puso al teléfono Fate le explicó lo que estaba sucediendo en Santa Teresa. Fue una explicación sucinta de su reportaje. Le habló de los asesinatos de mujeres de la posibilidad de que todos los crimines hubieran sido cometidos por una o dos personas, lo que convertía en los mayores asesinos en serie e la historia, le habló del narcotráfico y de la frontera, de la corrupción policial y del crecimiento desmesurado de la ciudad [...] –Un retrato del mundo industrial en el Tercer Mundo [...] un *aide-mémoire* de la situación actual de México, una panorámica de la frontera. (BOLAÑO, 2004a, p. 373)

O perfil das mulheres que são encontradas sem vida, apresentam traços comuns em quase todas elas: mulheres com pouco grau de instrução, novas, egressas de cidades interioranas de outros estados do México, contratadas como mão de obra barata e que devem produzir em larga escala, portanto, permitindo o controle e a disciplina que servem ao “hipercapitalismo”. As mulheres assassinadas são encontradas próximas às “maquiladoras” ou aos parques industriais, lugares que são fonte de trabalho da maioria delas.

O capítulo começa e termina com a descrição detalhadas das mulheres sem vida, destratadas, humilhadas, exibidas como nada e usadas para o espetáculo. As vítimas passam a ser vistas como as criminosas delas mesmas, como se tivessem provocado a própria morte, como se sua morte fosse merecida e logo caem no esquecimento, pois aquelas vidas não têm nenhuma função dentro da sociedade, o simples fato de ser mulher já é um delito. As vítimas deixam de ter um nome e até mesmo um corpo, passam a ser refugo, resíduo que devem ser descartados imediatamente.

Nessa parte são retratados 112 casos de feminicídio que acontecem entre 1993 e 1997, a quantidade desse tipo de crime assinala o descaso, a indiferença e a pseudo-incompetência das autoridades policiais, da justiça e do próprio Estado, já que os crimes se repetem e não são desvendados, pois todos se calam e perdem a ação.

Ao interromper e voltar a narrar com detalhes os assassinatos das mulheres, talvez a intenção do narrador seja mostrar que a repetição exaustiva sirva como um mecanismo que dê conta do caos, do horror, da barbárie. Colocar o leitor frente ao mundo “infrapocalíptico”, seria dizer e assinalar que todos são responsáveis pela morte dessas mulheres, pois se calam diante da tal monstruosidade, tornando-a banal e fútil. O que na verdade, “se tornar banal”, deveria ser incomodo, portanto, repetir o horror seria uma maneira de tirar o ser humano da passividade. Nas narrativas “interditadas” de Bolaño nada é simples, sempre existirá um sentido oculto, uma alegoria, talvez a que esfregue na cara da humanidade sua inércia diante de alguns assuntos polêmicos.

### **A cidade de fronteira pensada como um espaço “interditado”**

A cidade ficcional de Santa Teresa, correspondente à Ciudad Juárez que se encontra na fronteira com os Estados Unidos, é a cidade aonde todos os personagens e histórias narradas, em 2006, chegam, se encontram, transitam ou vivem, poderia ser pensada como protagonista dentro da obra. Na verdade, Santa Teresa é um posto alfandegário, um posto de cruzamento entre La Ciudad del Paso y Ciudad Juárez, uma zona de livre comércio, onde foram instaladas várias indústrias “maquiladoras” de automóveis, de elétrico-eletrônicos e quase todas são de capital estrangeiro.

A cidade de fronteira é um espaço de limite, de extremidade, de ruptura, de interdição e ao mesmo tempo de fluxo, de deslocamento, de vizinhança. Nesse espaço, quem a atravessa, precisa mostrar um documento que permite tal travessia, porque sem ele fica configurado a possibilidade da fuga. A fronteira por ser um espaço limítrofe, uma linha imaginária é pluricultural, heterogênea, uma zona de troca onde essa diferença se mistura e produz política, cultura e forma uma classe condizente com essas características, além disso, elas podem ser simbolicamente produzidas por ter atributos de abertura para o desconhecido.

Pode-se fazer uma analogia com o mito da travessia para os reinos subterrâneos, para terra dos mortos, o mundo inferior, o mundo de Hades. Para entrar no reino de Hades, o morto era enterrado com uma moeda dentro da boca que seria usada como pagamento a Caronte, o barqueiro responsável de conduzir as almas para o mundo dos mortos. A moeda equivale ao passaporte para cruzar a fronteira, se não houvesse essa paga, a travessia seria interditada, o cruze do rio até o reino de Hades não aconteceria. Fazendo a comparação com esse mito, em uma entrevista, quando perguntado como seria o inferno, Bolaño responde: *Ciudad Juárez, que es nuestra maldición y nuestro espejo, El espejo de las angustias de nuestras frustraciones y de nuestra infame interpretación de la libertad y de nuestros deseos.* (BOLAÑO, 2004b, p. 339)

Dentro da própria cidade de Santa Teresa existem muitos espaços de fronteiras, de um lado as indústrias maquiladoras com alta tecnologia, e os bairros abastados, onde circula o capital; do outro o deserto, os terrenos baldios, os lixões, os bairros pobres onde moram as pessoas que servem ao capital e acabam sendo vítimas da violência quando não cumprem bem o seu papel. Talvez em uma cidade fronteiriça a barbárie pode ser vista como normal, pois existe uma rota e possibilidade de fuga que permitiu as autoridades dizerem que aquele que tenha cometido algum tipo de delito pode ter atravessado a fronteira. Na cidade de Santa Teresa a intervenção divina passa longe, pois é uma cidade no meio do deserto, condenada a corrupção, a abusos, a impunidade, no caso a estrada e o deserto, diferente do rio de Caronte, são os espaços que separam não só dois países, mas sim a vida da morte e cruzá-la pode ser um passaporte para condenação. Santa Teresa aparece descrita, no romance, assim:

Entraron por el sur de Santa Teresa y la ciudad les pareció un enorme campamento de gitanos o de refugiados dispuestos a ponerse en marcha a la más mínima señal.[...] Hacia el oeste la ciudad era muy pobre, con la mayoría de las calles sin asfaltar y un mar de casas construidas con rapidez y materiales de desecho. [...] Hacia el este estaban los barrios de clase media y clase alta. Allí vieron avenidas con árboles cuidados y parques infantiles públicos y centros comerciales. [...] En el norte encontraron fábricas y tinglados abandonados, y una calle llena de bares y tiendas de souvenirs y pequeños hoteles, donde se decía que nunca se dormía, y en la periferia más barrios pobres, aunque menos abigarrados, y lotes baldíos [...] En el sur



descubrieron vías férreas y campos de fútbol para indigentes [...] y dos carreteras que salían de la ciudad, y un barranco que se había transformado en un basurero, y barrios que crecían cojos o mancos o ciegos y de vez en cuando, a lo lejos, las estructuras de un depósito industrial, el horizonte de las maquiladoras. [...] En la parte norte vieron una cerca que separaba a Estados Unidos de México y más allá de la cerca contemplaron, bajándose esta vez del coche, el desierto de Arizona. (BOLAÑO, 2004a, p. 149, 170 e 171)

*La parte de los crímenes* apresenta uma cidade onde o abismo, o deserto e a fronteira se intensificam, uma cidade sem lei, pois são nesses lugares “interditados” que são encontrados os corpos das mulheres assassinadas, muitas delas sem identificação e outras que o crime ainda não foi solucionado, algumas que desejavam atravessar a fronteira para o lado do país rico e outras que queriam ultrapassar a fronteira social, trabalhando para chegar a outro patamar de poder aquisitivo, mas todas elas com uma sina comum, perderem a vida em um espaço onde a violência não esbarra em nenhum tipo de fronteira e se depara com irracionalidade delimitada por um fio quase transparente de não ser, assim como é a América Latina em relação aos Estados Unidos, outra alegoria que pode ser lida e analisada dentro da obra.

Santa Teresa é uma cidade sem esperança, que não perdoa e quem passa por ela não deixa de fazer parte do momento “infrapocalíptico” pelo qual a humanidade atravessa, um mundo em desordem e repleto de desilusão. A cidade também sugere outra metáfora, o espaço de fronteira entre realidade e ficção, entre o mundo real e o literário, onde escrever pode ser um momento de mostrar o desamparo, pois a derrota também se apresenta na forma de como será descrita tal realidade, as formas e estratégias do modo de como fazê-lo parecem estar esgotados, ou deve-se ser pensando como fronteira, como interrupção, ainda que dentro de uma narrativa fluida.

#### **A classe precária percebida também como “interditada” ou como “interdição” de caminho de ascensão ou descenso.**

Dentro de um contexto de desigualdades, instabilidade, impunidade e a inexistência de um Estado de direito para os menos abastados, pode-se traçar não só o perfil das mulheres assassinadas, como a classe a qual fazem parte; são pessoas exiladas por causa da violência, que vivem em partes abandonadas e afastadas das cidades, onde a orfandade, a delinquência, o crime organizado, os assassinatos, um número grande de desaparecidos e de presos predominam. São pessoas que se sentem e se acham indignas como se não fosse gente. Mas por que a maioria delas, que são contratadas pelas maquiladoras, são mulheres? São contratadas não só por serem mão de obra mais barata, mas jovens adolescentes resistentes, solteiras e com mãos pequenas que possam manipular peças diminutas e capazes de operar as máquinas ou de montar periféricos eletrônicos durante uma jornada longa de trabalho.

Roberto Bolaño está atento à deterioração das condições de trabalho, não só presentes no México, mas em escala mundial e diante da crescente instabilidade e expansão de postos de trabalho com pouca remuneração, ele percebe a necessidade de criar uma forma de denunciar essas condições, que seja então, mais uma vez, através da literatura. Escrever sobre isso requer disposição e cuidado, pois o cenário não é nem um pouco alentador, uma vez que a precariedade nas relações e condições laborais só aumentam e implicam na vulnerabilidade social de muitos, principalmente da juventude que, cada vez, entra mais cedo no mercado de trabalho e se depara com um contexto de escassez e condições muito incertas. O trabalho precário leva a uma redução salarial, a exclusão, empurrando esses trabalhadores, em sua maioria, terceirizados, para a

formação de uma nova classe, o precariado. Uma parte do capítulo, quando o jornalista Sergio González encontra a encarregada do departamento de Delitos Sexuais, Yolanda Palacio, mostra essa condição laboral:

Pues sí, Santa Teresa, dijo la encargada del Departamento de Delitos Sexuales. Aquí casi todas las mujeres tienen trabajo. Un trabajo mal pagado y explotado, con horarios de miedo y sin garantías sindicales, pero trabajo al fin y al cabo, lo que para muchas mujeres llegadas de Oaxaca o de Zacatecas es una bendición. [...] ¿Así que aquí no hay desempleo femenino?, dijo. No sea sangrón, dijo Yolanda Palacio, claro que hay desempleo, femenino y masculino, sólo que aquí la tasa de desempleo femenino es mucho menor que en el resto del país. De hecho, se podría decir, grosso modo, que todas las mujeres de Santa Teresa tienen trabajo. Pida cifras y compare. (BOLAÑO, 2004a, p. 710-711)

As mulheres de Santa Teresa, que trabalham nas maquiladoras, fazem parte dessa classe ou flutuam entre os empregos precários e a miséria (desemprego), além de se sentirem inferiores e sem autoestima. Por isso, cumprem com o seu papel que é o de trabalhar para produzir a mercadoria barata para classe média/alta poder consumir, afirmando que essa classe realiza aquilo que lhe é imposto e fortalece a lógica da sociedade “hipercapitalista”, que sente a necessidade de explorar, de maneira extrema, todas as formas de trabalho que a classe privilegiada não quer realizar, como as funções que vão de empregados domésticos, chegando aos serviços terceirizados. Portanto, a obrigação de ter esse tipo de classe funciona como uma espécie de interdição, as pessoas que fazem parte dessa classe são impedidas de ascender socialmente e muitas vezes de descender, visto que, como miseráveis proferirão menos às classes mais abastadas, porque miséria implica olhar primeiro para sua condição, pois a primeira necessidade de um miserável é comer, o que não quer dizer que tenha que trabalhar para isso, por isso sobra para a classe precária essa função

Na lógica do capital há uma aparente diminuição da diferença entre as classes e da desigualdade social, já que a classe precária também tem algum poder de compra, diferente dos que estão nos níveis mais baixos que não conseguem sobreviver. O capital econômico faz parte de sua vida, ainda que de modo precário, essa ilusão pode ser um fator de interrupção, de interdição de ascensão, pois para quem antes não tinha nada, ter alguma coisa, já é suficiente para se sentir privilegiado e inserido na sociedade consumidora, mas o que essa classe não percebe é que o abismo entre classes fica cada vez mais profundo e a possibilidade de mudança cada vez mais longe, posto que interrompida pelos, que de fato, são abastados, pois para fazer parte de uma classe média/alta repleta de direitos, não é só necessário ter capital econômico, mas também possuir capital cultural.

Afinal, até que ponto faz sentido analisar esse capítulo, ou parte dele, apresentado as narrativas “interditadas” e sua relação com o feminicídio, a fronteira e o precariado? Havendo um sentido, qual seria o interesse de Bolaño? Por que ele propõe esse tipo de escrita interdita? Poderia responder dizendo que, por causa da sua saúde frágil – ele próprio estava prestes a cruzar a fronteira da vida em direção a morte – sabia que tinha pouco tempo, teve pressa de deixar essa obra como reflexão profunda da sociedade, conscientizando o leitor sobre assuntos densos, pouco falados. Por causa dessa urgência em dizer, não teve tempo de apresentar tudo que desejava (a verdadeira face do poder e a possibilidade de enfrentá-lo) dentro de uma estrutura literária mais trabalhada, usou a narrativa episódica, os pequenos flashes, a interdição do fluxo da narração, a lógica do

fragmentos concentrados, justapostos e alternados como aliados, juntou todos os seus apontamentos e tudo que já tinha elaborado para escrever *2666*, fez uma colagem ficcional, um tipo de álbum de figurinhas, já que tinha que escrever, sob um estado de urgência, sobre o tempo do caos, da violência, da crueldade, da banalidade, do espetáculo, tudo isso como condição precária, para ser consumido e como forma de moldar a percepção do ser humano diante do momento “infrapocalíptico”.

Roberto Bolaño, quando escreve *La parte de los crímenes*, exercita a ideia de fronteira como um lugar de devir, de aproximação de diferenças, ao mesmo tempo em que é o limite das mesmas, é a possibilidade de coexistência de heterogeneidade, portanto de junção de gêneros textuais, mas respeitando as propriedades inerentes de cada um, mesmo quando ultrapassa a linha e a barreira, quando se desloca entre os gêneros, na sua escrita, eles não deixam de ser, não perdem suas características o que acontece é a permissão de relações e alianças entre gêneros diferentes.

Bolaño, quando utiliza outra estratégia narrativa com uma linguagem desordenada, como nota impessoal, como relatório forense, tenta evitar ao máximo o juízo de valor, as mulheres assassinadas, dentro dessa nova forma de narrar, são a representação da crueldade, do sofrimento, do mal, da violência que aflige a sociedade contemporânea. De alguma maneira, ao ler essa parte do romance, o leitor se penaliza ou sofre diante dos corpos inutilizados como lixo, ou então, reage e reflete: o que vale a vida diante do caos, da desordem humana? A arte, nesse caso a literatura, provoca esse efeito, mesmo que a vida apareça ou seja representada como banal, aqui a violência e a crueldade não aparecem apenas como entretenimento, não são gratuitas e podem ser entendidas como mercadoria.

### Referências Bibliográficas

ARENT, Hannah. **Sobre a violência**. Tradução André de Macedo Duarte. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

BOLAÑO, Roberto. **2666**. Barcelona: Editorial Anagrama S.A., 2004a.

\_\_\_\_\_. **Entre paréntesis**. 4ª edición Barcelona: Editorial Anagrama S.A., 2004b.

\_\_\_\_\_. **Nada utópico no es ajeno: Manifiestos Infrarrealistas**. México: Tsunun, 2013, p.53.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. 4ª ed. São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1970. Disponível em: <http://brasil.indymedia.org/media/2008/01/409660.pdf>.

BEJARANO, Alberto. Releyendo el siglo XX con Roberto Bolaño. **Estética y política agonísticas**. CALLE14 // volumen 6, número 8 // enero - junio de 2012, p. 40-47.

BRAGA, Ruy. **A política do precariado: do populismo à hegemonia lulista**. São Paulo: Boitempo, 2015.

GONZÁLEZ RODRIGUÉZ, Sergio. **Huesos en el desierto**. Barcelona: Editorial Anagrama, 2002.

OLIVEIRA, Francisco. BRAGA, Ruy e RIZEK, Cibele, (org.). *Hegemonia às avessas: economia, política e cultura da servidão financeira*. São Paulo: Boitempo, 2010.

OVEJERO, José. *La ética de la cueldad*. Barcelona: Editorial Anagrama, 2012.

VILLORO, Juan. *El vértigo horizontal. La ciudad de México como texto*. España: Revista Debats, nº78, 2002, p.67-78.

Žižek, Slavoj. *Primeiro como tragédia, depois como farsa*. Tradução. Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo, 2011.

\_\_\_\_\_. *Violência*. Tradução Miguel Serras Pereira. São Paulo: Boitempo, 2014.

Autor: Sylvia Helena de Carvalho Arcuri é doutoranda do Programa de Letras Neolatinas - Literatura Hispano-americana da Universidade Federal do Rio de Janeiro - 2013 (bolsista CAPES). Professora de Língua Portuguesa da Rede Estadual de Educação do Rio de Janeiro. Sua pesquisa é na área de estudos literários com ênfase em romance policial, cultura de massa, narração, ficção, identidade, história e foque na obra de Roberto Bolaño.

Contato: e.mail: [sylvia.arcuri@gmail.com](mailto:sylvia.arcuri@gmail.com)

<sup>1</sup> GONZÁLEZ RODRÍGUEZ, Sergio. *Huesos en el desierto*. Barcelona: Editorial Anagrama, 2002.

<sup>2</sup> “Hipercapitalismo” entendido além do capitalismo selvagem, um capitalismo exacerbado que coloca a dignidade de ser humano em cheque. Um capitalismo que incrementa cada vez mais as diferenças entre as pessoas, mesmo aquelas que fazem parte de uma mesma classe político-socio-econômica, dentro de uma época neoliberal de servidão financeira e capitalismo globalizado, apontados por Carlos Nelson Coutinho na apresentação do livro *Hegemonia às avessas*. Junta-se a essas ideias a influência recebida a partir da leitura do livro: *Primeiro como tragédia, depois como farsa*, de Slavoj Žižek, quando ele diz: “o capitalismo é que é propriamente revolucionário; ele mudou toda nossa paisagem nas últimas décadas, da tecnologia à ideologia [...] De outro lado, principalmente no domínio das relações socioeconômicas, nossa época se percebe como uma época de maturidade, em que, com o colapso dos Estados comunistas, a humanidade abandonou os antigos sonhos utópicos milenaristas e aceitou as restrições da realidade (leia-se: a realidade socioeconomia capitalista) com todas as suas possibilidades: VOCÊ NÃO PODE... participar de grandes atos coletivos (que acabam necessariamente em terror totalitário), agarrar-se ao antigo Estado de bem-estar social (torna as pessoas pouco competitivas e leva à crise econômica), isolar-se do mercado global etc.etc. [...] A razão é que vivemos numa época pós-política de naturalização da economia: em regra, as decisões políticas são apresentadas como questões de pura necessidade econômica; quando medidas de austeridade se impõem, dizem-nos vezes sem fim que isso é simplesmente o que deve ser feito.” (ŽIŽEK, 2011, p. 12-13)

<sup>3</sup> Este termo surge da junção de outros dois termos: infrarrealismo e postapocalipsis.

“Infra” surge a partir de ideias/conceitos apresentados, por Roberto Bolaño, no seu Manifesto Infrarrealista: *Vamos a meternos de cabeza en todas las trabas humanas de modo tal que las cosas empiecen a moverse dentro de uno mismo, una visión alucinante del hombre. [...] La muerte del cisne, [...] el último canto del cisne negro, NO ESTÁN en el Bolshoi sino en el dolor y la belleza insoportables de las calles. Hacer aparecer las nuevas sensaciones – Subvertir la cotidianeidad* (BOLAÑO, 2013, p. 54, 61 e 62)

---

“Apocalíptico” surge da ideia/conceito postapocalipsis proposto por Carlos Monsiváis, citado por Juan Villoro em seu artigo: **El vértigo horizontal. La ciudad de México como texto**: *Nada lo define mejor que la noción de postapocalipsis, a la que se ha referido Carlos Monsiváis. [...] Nuestra mejor forma de combatir el drama consiste en replegarlo a un pasado en el que ya ocurrió. Este peculiar engaño colectivo permite pensar que estamos más allá del apocalipsis: somos el resultado y no la causa de los males. Los signos de peligro nos rodean pero no son para nosotros porque ya sobrevivimos de milagro. Imposible rastrear la radiación nuclear, el seísmo de diez grados o la epidemia que nos dejó así. Lo decisivo es que estamos del otro lado de la desgracia. Diferir la tragedia hacia un impreciso pasado es nuestra habitual terapia.* Portanto, “infrapocalíptico” significará, a partir das duas ideias apontadas, um mergulho, uma incursão profunda, uma subversão na/da realidade que já ultrapassou o horror, o caos, o colapso, a catástrofe cósmica, o fim dos tempos, não só no âmbito humano, mas também no social, político e econômico, onde não existe mais nenhuma possibilidade de utopia, deixando brotar novas sensações obscuras e alegóricas.

<sup>4</sup> O que é apontado como “intergenericidade” – também conhecida como “intertextualidade intergêneros” ou somente “intergênero” - é um diálogo entre gêneros diferentes, que trocam informações e características e provoca, a partir dessa conversa, uma hibridização, momento em que o texto passa ter elementos variados pertencentes a vários gêneros, formando uma espécie de quebra-cabeças.

<sup>5</sup> Na obra, há uma passagem que explica o que venha ser sacrofia: *es el miedo o la aversión a lo sagrado, a los objetos sagrados, particularmente a los de tu propiareligiión, dijo Elvira Campos.* (BOLAÑO, 2004a, p. 475)

<sup>6</sup> A palavra tranquila usada no sentido de ser normal, de não causar nenhuma surpresa, nem estranhamento, já que faz parte da vida das pessoas e visto como banal.

<sup>7</sup> Dados presentes no Segundo Informe de Gestión. Comisión para Prevenir y Erradicar la Violencia contra las Mujeres en Ciudad Juárez. México, 2004. Disponível em: <http://www3.diputados.gob.mx/camara/content/download/208364/510442/file/Segundo%20Informe%20de%20gestion.pdf>. Acesso em: 07.06.2016